

Freitag, Raquel Meister Ko.; "Prefácio: Atitudes e Identidade Linguística: muito chão pela frente", p. 3-8 . In: **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns DialetoS Brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-099-5, DOI 10.5151/BlucherOA-atitudeslinguisticas-002

PREFÁCIO

ATITUDES E IDENTIDADE LINGUÍSTICA: MUITO CHÃO PELA FRENTE

Raquel Meister Ko. Freitag

Em seu ensaio programático, Weinrich, Labov & Herzog (1968, p. 136) preconizam que “o nível da consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem que ser determinada diretamente”. A avaliação da língua é determinante para a constituição da identidade linguística dos falantes e tal valoração estratifica as variáveis linguísticas em três níveis de apreciação social: os estereótipos, fortemente sensíveis à avaliação social, os marcadores, razoavelmente sensíveis à avaliação, e os indicadores, com pouca força avaliativa (LABOV, 1972).

Para medir a atitude, existem alguns protocolos, como: a) *self report test*, no qual os indivíduos devem selecionar, dentre uma gama de variantes linguísticas, aquelas que se aproximam do seu uso habitual; tais sujeitos geralmente assumem utilizar as formas próximas às de prestígio reconhecido; b) *family background test*, no qual é visto o quanto os indivíduos são capazes de identificar dialetos diferentes; c) *matched guise test*, que visa identificar atitudes inconscientes dos sujeitos em relação à língua. (LABOV, 2001, p. 193-7).

A tese de Denise Porto Cardoso, “Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros”, ainda é um dos poucos trabalhos no Brasil que tratam da avaliação social da língua (KAUFMANN, 2011), mensurando as atitudes linguísticas por meio dos protocolos acima citados. Os desafios em trabalhar com a avaliação social da língua são, ainda, os mesmos reportados a 25 anos.

Os estudos sociolinguísticos podem ser agrupados em três ondas de estudos, não substitutivas nem sucessivas, mas que se configuram como modos distintos de pensar a variação, com práticas analíticas e metodológicas peculiares. Na tensão entre o social e o estilístico, Penelope Eckert (2012) traça um panorama retrospectivo dos estudos sociolinguísticos. Os estudos de 1ª onda visam identificar padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas, a partir de coleta de dados rápidas em comunidades de fala estratificadas com base em categorias sociodemográficas amplas. Exemplo prototípico é o estudo da estratificação do inglês na cidade de Nova York, realizado por Labov na década de 1960.

Estudos de 2ª onda também tomam como amostra comunidades de fala e visam identificar padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas em abordagem quantitativa. No entanto, diferem da outra onda por seguirem uma perspectiva de base mais etnográfica, com coletas de dados que requerem maior envolvimento com a comunidade e tomam categorias sociodemográficas mais abstratas, não identificáveis em uma coleta rápida, como o julgamento de pertencimento à comunidade, valores, atitudes, etc. Exemplo é o estudo laboviano do inglês afroamericano em Nova Iorque.

Os estudos de 3ª onda continuam quantitativos, valendo-se da experiência metodológica das ondas anteriores. A diferença está em inverter a ordem da pergunta: não mais buscar correlação entre o padrão linguístico e as categorias sociais, mas identificar as categorias sociais que atuam no padrão linguístico. É uma proposta de retomada do significado social da variação, mudando o foco da estrutura para a prática linguística. Estudos dessa natureza tomam como unidade comunidades de práticas – grupo de indivíduos engajados em função de um propósito – ao invés de comunidades linguísticas, permitindo investigar o papel do indivíduo, em termos de hierarquia, inovação e adesão a variáveis linguísticas.

A avaliação de atitudes, tal como proposta em “Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros”, dá suporte à perspectiva de 3ª onda, a que o banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013; FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012) se alinha e que é o eixo condutor da área de estudos linguísticos do projeto “Da expressividade da língua ao mal na literatura: base de pesquisas interinstitucionais do PPGL/UFS”, financiado pelo convênio CA-

PES/FAPITEC/PROMOB. A preparação dos originais da tese foi uma atividade vinculada ao Programa de Monitoria do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe das disciplinas Fonologia da Língua Portuguesa e Sociolinguística, em 2013 e 2014, a cargo das monitoras Giliane Matias de Azevedo, responsável pela digitação do texto, e Maria Aparecida Alves Sales, responsável pelos gráficos e pelas tabelas. A digitalização e difusão deste trabalho, assim como a realização do Workshop Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística, do qual resultou a base metodológica da coleta (FREITAG, 2014), foi um passo importante para a implementação do banco de dados Falares Sergipanos. Ao ampliar as investigações para além do nível descritivo da Sociolinguística, adentrando nos domínios da maneira pela qual as atitudes e os julgamentos linguísticos afetam o processo de constituição da identidade pela língua e pelo discurso, podemos contribuir para ações de planejamento linguístico de conscientização e respeito, bem como para propostas de ensino português como língua materna ou como língua para estrangeiros, na medida que propicia o contato com valores associados à língua. O levantamento das avaliações sobre os usos linguísticos pode auxiliar em planejamentos de status quanto à reavaliação de estereótipos que caracterizam identidades locais e que sejam alvo de preconceito linguístico. O planejamento de status, como uma área da política linguística, pode subsidiar, por exemplo, políticas linguísticas educacionais em contextos locais, em que estão em circulação variedades distintas do português no Brasil

A fim de contribuir com este objetivo, e decorrente do fomento do convênio CAPES/FAPITEC/PROMOB, destacamos o projeto “Como o brasileiro acha que fala? estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil”, financiado pelo edital Universal do CNPq 14/2013 - Faixa C, que empreende uma investigação de caráter contrastivo entre variedades do “Português Brasileiro”, em amostras de comunidades de fala específicas: Chapecó e Florianópolis, em Santa Catarina, na região Sul, e Natal, no Rio Grande do Norte, e Aracaju, em Sergipe, na região nordeste do Brasil. Os contrastes Sul/Nordeste, capital/interior, em termos de descrição de usos linguísticos e avaliação de atitudes, são particularmente interessantes. As variações regionais são delimitadas a partir não apenas das regularidades de usos linguísticos, mas também pela maneira como as pessoas avaliam tais usos e os efeitos dessas avaliações no seu comportamento linguístico. Com isso, se, por um lado, Zilles e Faraco (2006) sugerem que a investigação das atitudes e valores acerca dos fenômenos linguísticos é urgente e necessária para o entendimento da norma culta, de forma a evitar tanto a expansão do normativismo (mídia), como o combate interminável (sem diálogo, por sinal) entre os linguistas e os normativistas, por outro lado, essa mesma investigação pode nos

revelar informações sobre a estratificação linguística do português brasileiro em portugueses regionais: português florianopolitano, sergipano, natalense, chapecoense e, a partir desse conhecimento, podemos tentar definir com mais cuidado o que é o português brasileiro.

Não há ainda estudos específicos, focados no contraste de variedades, que investiguem em que nível da gramática – mais especificamente, que traços linguísticos que se configuram como variáveis – está baseado nosso julgamento de valor linguístico, que fomenta nossas atitudes. O levantamento dos dados empíricos pode contribuir para uma ampliação das identidades linguísticas regionais, subsidiando a construção de personas regionais pela indústria midiática, que tem sido, reiteradamente, lugar de propagação e manutenção de estereótipos linguístico-identitários.

Ao digitalizar e difundir a tese de Denise Porto Cardoso, “Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros”, não só cumprimos com os objetivos de um projeto de pesquisa, mas também fazemos uma justa homenagem ao mérito de um trabalho ainda inovador atualmente e que precisa ser compartilhado com toda comunidade acadêmica.

Referências

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013.

FREITAG, R. M. K. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, v. 56, n.3, p. 917-944, 2012.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Empirical foundations for a theory of language change*. Austin: University of Texas Press, 1968.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. As tarefas da sociolinguística no Brasil: balanços e perspectivas. In: GORSKI, E. e COELHO, I. L. (orgs). *Sociolinguística e ensino – contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 23-52.

